

## A JUVENILIZAÇÃO DA EJA: O QUE AS PESQUISAS NOS TRAZEM SOBRE ESSE FENÔMENO<sup>1</sup>

**Renata Júnia de Freitas**

Estudante de graduação em Pedagogia  
*Universidade Federal de Ouro Preto*

**Rosevânia Maria Rosa**

Estudante de graduação em Pedagogia  
*Universidade Federal de Ouro Preto*

**Rosa Maria da E. Coutrim**

Profa. Dra. do Departamento de Educação  
*Universidade Federal de Ouro Preto*

**Resumo:** A Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem vivenciado nos últimos anos o processo de “Juvenilização da EJA”, isto é, o ingresso de jovens cada vez mais jovens (entre 15 e 17 anos) na educação de adultos. Nosso objetivo principal foi investigar como essa temática vem sendo problematizada na literatura nos últimos 10 anos. Para isso escolheu-se a pesquisa bibliográfica com base no “Estado da Arte” e a coleta de dados se deu no portal do Scielo, no portal de teses e dissertações da CAPES e no site dos congressos da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). A investigação está em andamento, porém os artigos demonstram que a juvenilização da EJA está em expansão e é fruto de um processo de exclusão de alunos das salas de aulas do diurno. Isso traz uma série de consequências para os professores e os próprios jovens.

**Palavras-Chave:** Juvenilização da EJA. Juventude. Educação Básica

### Introdução

Por atender uma demanda daqueles que, por razões diversas, não cursaram o ensino regular, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) visa inserir esses sujeitos na sociedade a qual pertencem. Neste sentido, tal modalidade de ensino possui um caráter político, estabelecendo relações com a educação popular.

Para abordarmos o tema “A Juvenilização na EJA”, buscamos através da metodologia “Estado da Arte” investigar como essa temática vem sendo problematizada por autores que oferecem subsídios para compreender este fenômeno e quais contribuições que as pesquisas trouxeram para essa área de conhecimento.

De acordo com Conceição e Nakayama (2013), mesmo antes da criação da EJA, já existia no Brasil uma educação para adultos com caráter compensatório a fim de combater o analfabetismo, principalmente nas áreas rurais. No final década de 1950, Paulo Freire traz um novo conceito de

<sup>1</sup> Trabalho resultante de pesquisa de iniciação científica - UFOP

educação de adultos com uma proposta libertadora, tornando-se um marco da educação de jovens e adultos no Brasil. A concepção freireana prevaleceu sobre a funcionalista no período do regime militar, e com a redemocratização, o Método Paulo Freire foi amplamente difundido no Brasil e no exterior.

Segundo Carvalho (2009) a Educação de Jovens e Adultos no Brasil está modificando seu perfil ao longo dos últimos anos. No passado tal modalidade de ensino era mais focada nos adultos, porém, nas últimas décadas a EJA está passando por um processo de juvenilização de seus alunos. Isto é, estão ingressando nas salas de EJA alunos com 15, 16 e 17 anos, o que, necessariamente, requer mudanças no âmbito pedagógico.

Nessa mesma direção Conceição e Nakayama (2013) e Carvalho (2009) apontam que o perfil dos sujeitos da EJA, antes caracterizado tradicionalmente por pessoas mais velhas e trabalhadoras que não puderam frequentar a escola durante a infância e a adolescência por fatores diversos, está mudando. Hoje, cada vez mais adolescentes estão se matriculando e frequentando essa modalidade de ensino. Diante dessa constatação, percebe-se que a EJA congrega grupos heterogêneos e com grande diversidade sociocultural e geracional. Tal fenômeno está se constituindo nos estudos de EJA e de juventude a partir de uma pergunta: Uma vez que a educação básica se universalizou no Brasil nos anos 90, por que existem jovens tão jovens estudando em uma modalidade de ensino que tradicionalmente é dirigida aos que não passaram por esse processo de universalização?

## **Metodologia**

A produção científica sobre o tema ainda é muito restrita. Por isso julgou-se importante fazer um estudo com base no “Estado da Arte” (ROMANOWSKI, 2006) sobre o tema “Juvenilização da EJA”. Para isso, foi feito um levantamento bibliográfico no site da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e no Portal da Capes de Teses e Dissertações buscando trabalhos publicados com tal temática nos últimos 10 anos.

Até o momento foram encontrados 13 trabalhos de diferentes autores e universidades que abordam o tema “juvenilização na EJA” e foram catalogados: O título, o nome e a instituição dos autores, tipo de trabalho, resumo, metodologia utilizada e principais autores citados.

Tal abordagem nos permite compreender e mapear as principais linhas teóricas, os pesquisadores que realizam investigações nessa área e as instituições que congregam maior número de grupos de estudos sobre o tema.

## **Desenvolvimento**

Assim como a maioria dos autores pesquisados, Andrade (2008) focou sua investigação nos múltiplos processos de ex/inclusão que levam os jovens a serem excluídos do ensino médio e retornarem ou migrarem para EJA. Na mesma linha de Conceição e Nakayama (2013), Andrade (2008) também usou como sustentação teórico-metodológica a inspiração foucautiana para suas análises. Pesquisou, a partir de um estudo de caso, como estão se configurando as mudanças na escola em função do processo de juvenilização com base na fala dos jovens estudantes, do professor da turma e da diretora.

Petró (2015) buscou subsídios para esclarecer o problema do acesso e da permanência na escola, em especial dos sujeitos que frequentam a modalidade de ensino da EJA. Visando entender o processo de juvenilização da EJA, a autora procurou investigar como as redes sociais influenciam na trajetória escolar desses jovens. Sua pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo que a primeira buscou analisar o perfil dos estudantes da EJA na cidade de Porto Alegre, e a segunda, através de entrevistas, identificou as influências das redes sociais nas relações sociais desses jovens.

Sob uma abordagem diferenciada, Freitas (2015) traz algumas inferências para explicar o fenômeno da Juvenilização da EJA. A autora defende que as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais ocorridas no decorrer dos anos afetaram diretamente a escola, pois dessas mudanças surgiram grandes desafios exigindo novos procedimentos educativos que atendam às diversas necessidades dos educandos nas diferentes modalidades de ensino. Com base nos Círculos de Cultura de Paulo Freire, a autora em sua pesquisa teve como objetivo compreender, através dos Círculos Dialógicos investigativo-formativos, a relação entre os dizeres e os quefazeres docentes diante das interfaces entre o Ensino Médio e a Juvenilização da EJA. A partir do diálogo com os educandos e depois com os educadores a autora concluiu que os jovens entre 18 e 21 anos são os que mais buscam a modalidade EJA devido às experiências de fracasso no ensino regular que originaram inúmeras reprovações. Fora das faixas etárias da maioria dos alunos de suas turmas no ensino diurno, tais alunos são “convidados” então pelos próprios diretores da escola a migrarem para a EJA.

Ainda segundo a autora, os educadores apontaram que o fracasso escolar é um dos principais motivos que desestimulam esses jovens nos estudos e que a falta de maturidade e de expectativas também ajudam nesse cenário. Os entrevistados alegam que é mais prazeroso trabalhar na EJA do que no ensino conhecido vulgarmente como regular, pois os alunos de tal modalidade de ensino são, segundo os professores, “imaturos e barulhentos”, o que não permite uma relação dialógica satisfatória. Esses docentes ainda afirmam que investem em *quefazeres* mais flexíveis nas turmas de EJA partindo da realidade dos jovens, priorizando conteúdos significativos, trabalhando os conflitos existentes entre os jovens e idosos, estabelecendo práticas de diálogo, valorizando as relações interpessoais, avaliando e valorizando a aprendizagem e investindo nos espaços de auto (trans) formação dialógica.

Segundo Petró (2015), mesmo com universalização do ensino, a evasão e a reprovação escolar, continuam sendo destaque quando se fala em escola. A EJA como política pública, existe desde 1940 tendo com público alvo adultos e idosos, entretanto nos dias atuais esse público se modificou, pois cada vez mais jovens estão se matriculando nessa modalidade de ensino. Nesse sentido é importante compreender os motivos que levaram esses rapazes e moças a retornarem e a permanecerem na escola. Com base nos estudos de Bourdieu, Petró (2015) enfatiza que a permanência desses jovens na escola é uma questão social e sociológica, pois há grupos sociais que não têm acesso à educação devido ao seu capital sociocultural.

O fenômeno da Juvenilização da EJA não é tão recente quanto se pensa. Frencken e Alves (2013) observaram em sua pesquisa, que a partir da década de 2000 houve um ligeiro crescimento de matrículas de jovens entre 15 e 17 anos na modalidade de ensino da EJA em escolas municipais e estaduais do Brasil. Dentre os fatores que ocasionaram a juvenilização da EJA foi a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 9394/96, que normatizou o acesso desses jovens nessa modalidade de ensino.

Para abordar a migração desses adolescentes para a EJA, as autoras apresentaram dados obtidos na cidade de Fortaleza que, em 2011 teve a segunda maior taxa de matrícula nessa modalidade de ensino na região nordeste. Assim como os outros autores trazidos na nossa pesquisa, Frencken e Alves (2013) revelam que, além da situação socioeconômica vulnerável desses jovens, existem questões como o currículo, as propostas e as práticas pedagógicas direcionadas ao ensino básico que precisam ser criticamente analisadas.

A problematização de Soares (2013) sobre o fenômeno da juvenilização da EJA é derivada de sua prática. A autora buscou traçar um perfil de estudantes que frequentam essa modalidade de

ensino no período diurno, tendo como referência duas escolas municipais do Rio de Janeiro. Seu interesse por essa pesquisa surgiu devido seu trabalho no Programa de Educação de Jovens e Adultos (PEJA), onde ela percebeu uma crescente demanda de jovens para as salas de EJA no período noturno. Para Soares (2013), a escola conhecida vulgarmente como regular, “expulsa” esses jovens para a EJA.

A autora começou a indagar por que adolescentes que não trabalhavam durante o dia e nem à noite estavam se matriculando nas salas de EJA do turno diurno e noturno. Diante dessa observação, decidiu investigar quem eram os sujeitos que frequentavam a EJA a fim de compreender sua diversidade, expectativas e necessidades.

Nesse artigo não foi possível trazer uma discussão mais aprofundada de todas as pesquisas analisadas, porém, é importante ressaltar que os autores investigados demonstram uma preocupação com o fenômeno e apontam para a sua complexidade. Inúmeros fatores têm levado os jovens a procurar essa modalidade de ensino e não existe uma solução imediata para o problema.

### **Considerações Finais**

A pesquisa ora apresentada está em andamento, porém, a literatura sobre a “juvenilização da EJA” analisada até o momento demonstra que o fenômeno não é recente, mas tem preocupado cada vez mais pesquisadores, gestores escolares e professores.

O ingresso de jovens com menos de 18 anos nas salas de aula constituídas por adultos e idosos provocam a reflexão dos professores que se vêm às voltas com turmas multigeracionais com interesses e projetos de vida diferenciados. Isso faz com que os mesmos tenham que buscar metodologias alternativas para ensinar diferentes grupos.

Os autores analisados também trazem importantes reflexões sobre as causas desse aumento de jovens tão jovens na EJA, uma vez que o acesso à escola já está universalizado em nosso país, principalmente nos centros urbanos. A grande maioria desses rapazes e moças nunca abandonaram a escola e vivem experiências sucessivas de fracasso escolar. São, portanto, “convidados” pelos diretores das escolas a ingressarem em outra modalidade de ensino para não “atrapalharem” o andamento das salas do diurno.

Qual o futuro desses jovens? Como isso afeta sua autoestima e seus projetos para o futuro? Ainda não sabemos, mas continuaremos na investigação a fim de buscar novas respostas.

Agradecimento: UFOP

## Referências

- ANDRADE, S. D. S. **Juventudes e processos de escolarização: uma abordagem cultural**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- CARVALHO, Roseli. V. A juventude na Educação de Jovens e Adultos: uma categoria provisória ou permanente? In: 9º CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/3º ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 2009, Paraná.
- CARVALHO, Roseli V. A juvenilização da EJA: quais práticas pedagógicas. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Caxambu. Anais da 32ª Anped, 2009.
- FREITAS, L. M. **Interfaces entre o Ensino médio regular e a juvenilização na EJA: Diálogos, entrelaçamentos, desafios e possibilidades sobre quefazeres docentes**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Maria: Santa Maria, 2015.
- FRENCKEN, Claudete da Silva Moraes; ALVES, Rita de Cássia Lima. Educação Freireana e Juventudes na EJA: Uma Ação Dialógica Para O Ser Mais. **Revista Lugares de Educação**, Bananeiras, PB, v. 3, n. 5, p. 111-124, 2013.
- NAKAYAMA, Luiza; CONCEIÇÃO, Letícia Carneiro da. A EJA frente ao enigma das idades: decifrá-lo ou ser por ele devorado? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, Goiânia. Anais da 36ª ANPED, 2013.
- PETRÓ, V. **Educação de jovens e adultos: como se constitui a influência das redes sociais no acesso e/ou na permanência dos jovens na escola?** 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2015.
- ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As Pesquisas Denominadas do Tipo “Estado da Arte” Em Educação. **Revista Diálogo Educacional**, Paraná, 6.19: 37-50, 2006.
- SOARES, A. C. D. S. **O Diurno na Educação de Jovens e Adultos: quem são esses sujeitos?** 2013. 131f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2013.